

Ligações Fortes
cm-vfxira.pt



ENTRADA LIVRE

CENTRO CULTURAL DO BOM SUCESSO, ALVERCA DO RIBATEJO

Rua Fonte de São Romão, n.º 1, Bom Sucesso, 2615-306 Alverca do Ribatejo
Tel.: 219 576 104 | Email: cc.bomsucesso@cm-vfxira.pt

HORÁRIO:

terça-feira a domingo das 10h00 às 17h30
Encerra às segundas-feiras



Exposição de Fotografia

O CAMINHO É UM REGRESSO

DE

Paulo Eduardo Campos

Poemas de Paulo Eduardo Campos
e voz de Fátima Belo

14 JUN - 20 JUL'25

Centro Cultural do Bom Sucesso
Alverca do Ribatejo

Nasceu em Lisboa, em 1975. Licenciado em Auditoria e Revisão de Contas. Colaborou em alguns jornais regionais e, também, no Diário de Notícias, no suplemento DN Jovem.

Edita o seu primeiro livro de poesia intitulado “Na serenidade dos rios que enlouquecem” sob a chancela da Editora Amores Perfeitos, julho de 2005.

É distinguido com uma Menção Honrosa no 17.º Concurso de Poesia de Santo António da Charneca, outubro de 2006.

António Couto Viana (recensador crítico pela Comissão Consultiva de Apreciação de Livros da Fundação Calouste Gulbenkian) escreve a respeito do livro editado: “a inspiração de Paulo Eduardo Campos merece leitura atenta, no seu versilibrismo musical, na serenidade lírica com que descreve instantes de amor e mágoa (...) Coração a sangrar, vê o amor através sempre de uma amargura, de uma sofrida melancolia que lhe dita talvez as melhores composições deste livro de penumbras e murmúrios (...) Este conjunto de poemas anunciam uma voz discreta mas persuasiva, que pode ter futuro na nossa Poesia (...) ainda, em 2006.

Publica “A Casa dos Archotes”, pela editora Lua de Marfim, 2011.

Participa com poemas e fotografias na antologia de Poesia “Rio de Doze Águas”, da Editora Coisas de Ler, outubro de 2012.

Participa na Antologia de Poesia “Poetas da nossa Terra”, pela edi-

tora Lua de Marfim, março de 2013.

Participa na Antologia de Poesia “Clepsidra”, pela Editora Coisas de Ler, outubro de 2014.

Participa na Antologia “Ser Mulher II – Palavras no Masculino/Desenho no Feminino”, livro solidário pela Prevenção do cancro da mama, Editora Mosaico de Palavras, outubro de 2017.

É distinguido com o 3.º lugar no Concurso de Poesia Albano Martins, novembro de 2017.

Participa na Antologia “Ser Mulher – À Sombra do Silêncio”, livro solidário pela Prevenção do cancro da mama, Editora Mosaico de Palavras, maio de 2018.

Participa com fotografias no livro “Nomes da Noite”, de Lília Tavares, Editora Modocromia, janeiro de 2019.

Organiza a sua primeira Exposição de Fotografia (exposição individual) – “Infinitude”, no ISPA – Instituto Universitário, fevereiro de 2019.

Em 2021, essa mesma exposição é exibida no Palácio da Quinta da Piedade, Póvoa de Santa Iria.

Participa na Antologia “Água Silêncio Sede”, Homenagem Poética a Maria Judite de Carvalho no centenário do seu nascimento, Editora Poética Edições, setembro de 2021.

Em Janeiro de 2023, expõe individualmente no ISPA – Instituto Universitário, “O Caminho é um Regresso”, onde a fotografia e a poesia, declamada, se entrelaçam.

Paulo
Eduardo
Campos

O CAMINHO É UM REGRESSO

Luís Filipe Pereira

Eis uma exposição que nos convoca a retrogradar à *arché* no parapeito dos quatro elementos – terra, ar, água, fogo – fabulados pelos filósofos-poetas, os pré-socráticos, para desvendarem o uno na raiz do diverso, as mães do Ser, aquém do experimentável pela ciência a sangue frio, bisturis e alicates. Ao invés, a medicina hipocrática centrava-se na seguinte tipologia: sanguíneo (ar), fleumático (água), colérico (fogo), bilioso (terra). Paulo Eduardo Campos revisita esta elementaridade cósmica a partir da metáfora do caminho que colige, afinal, essa cosmogónica matéria da existência viandante, corda estirada da harpa do mundo. Porém, o que nos dá a ver/ler não é o caminho destinado a uma meta: é trajectória e não trajecto: andarilhar a vau o rio de Heraclito para a descoberta em nós dos rizomas dos encontros e desencontros, o confluir da solidão e do que se lhe acrescenta. Paulo Eduardo Campos consegue-o no frescor da dizibilidade e da visibilidade, dos devires do poema em imagem e *vice versa*. Ademais: os poemas não são um exercício efrástico, pois não descrevem as fotografias. Enleiam-se ambos. Abraçam-se no

fracturando os ossos do tempo

tronco sibilino onde pousa a árvore húmida da carne, dos cabelos, dos véus, das viagens, dos vários rostos de partida e chegada. O caminho faz o caminhante. Este peregrina por dentro do sangue. O ir é um *revolare* ao âmbito incomensurável do corpo. A fé perceptiva dos caminhantes é iluminação das essências incarnadas, terrestres. Fogo, água, ar manam dos cílios da terra. É desta que raíam os outros arquielementos da cosmologia do visível, da clepsidra que não mede a dimensão do caminho, o *in itinere* do corpo ou do sangue de passagem no coração. Paulo Eduardo Campos, o poeta, deambula por um sendeiro de palavras; Paulo Eduardo Campos, o fotógrafo, de obturador em riste, atravessa o tempo do *chiaroscuro*, devassa os afluentes do silêncio, descobre-nos caminhos, os por onde que somos: caminhos dos que *regressam do esquecimento* para o afinarem *em algum lugar dentro do corpo* (Foto/Poema 01). Mesmo quando o caminho é feito a dois a luz não deixa de quebrar-se: *assim é o corpo*: sopro viscoso, polimorfo, tantos os possíveis de estar vivo. Por vezes o silêncio encostado a um muro, à marmorra do nunca dito (Foto/Poema 02). Outras, o corpo viaja para a *waste land* da sombra, para o osso do exílio, corpo-rio asfixiado nas margens, retrocede às fontes da noite, que precisa sair de si e confundir-se com o ar, que se despaisaja na amnésia, no sono da matéria, na desleixada evocação da infância prévia à percepção do caminho, ao eco das águas, à promessa: *sei que ao acordar regresso/ao silêncio do mundo* (Foto/Poema 03). É no pasmo da infância que é mais intenso o relâmpago azul que abre a multidão de atalhos, mãos luminosas que impelem o olhar até ao prodígio dos olhos. Ainda nenhum crisântemo queimado. Ainda ninguém falta à mesa do aniversário. É sem temor



eu só sei inventar-me
muitas vezes criando luz dentro dos dias
arquitectando poemas dentro da paisagem
abraçando os frutos contra o coração do destino.

outras vezes, perdido, a gastar sombras.
fracturando os ossos do tempo.

onde estamos em cada instante



há dentro de mim este incêndio
 um silêncio de sombras altas
 o vazio dos passos sobre a terra húmida

depois, o coração cicatriza todas as feridas
 com a esperança de uma luz sempre maior
 onde as árvores possam respirar

procuramos tantas moradas
 desconhecendo que o melhor lugar do mundo
 é onde estamos em cada instante.

o salto que o corpo clama. Corpo em brasa guardando do fogo as palavras iniciais e *todos os caminhos das buganvílias tingidas de vermelho* (Foto/Poema 04). Diverso do deus da infância, o corpo alarga-se para lá do horizonte do visível onde emerge o deus da brevidade e a miséria do corpo ao encontro do sentido inaudito a pulsar no peito: apelo dum caminho interior que nos visita e nos oferece a terra prometida, o ar nos poros do fogo, a água tersa, talqualmente o da religiosa *desejando prender o seu olhar no olhar de deus*. Cela que liberta (Foto/Poema 05). Da Foto 06 à Foto 09 Paulo Eduardo Campos tresdobra a terra dura, ressequida, no ar que a dissemina, na água que é fogo no mar hormonal que arriba nos areais da razão despen-teada. Sobre o corpo ruinoso, o poeta-fotógrafo ensina-nos que o sonho é a primícia de cada caminho e que pode trans-figurar-se em punho aberto que devolva o rosto ao rosto de quem carece da manhã, de um gesto, para seguir caminho, porque a bondade *é sempre o mesmo caminho* (Foto/Poema 10). O caminho é despossessão, o levantar ferro do comodismo que faz tremer a terra a cada passo, corpo-pássaro aconchegado no vento, nómada em abandono, pois, *no final, sobrarão os passos/a pisar a memória do vento* (Foto/Poema 11). O eremita apenas transporta o essencial: o silêncio eólico, o pó nas sandálias e um cantil de barro para beber *as sombras das nuvens* (Foto/Poema 12). O caminheiro desvia-se das agulhas dos ponteiros, mergulha na ferida insalvável que é todo o espaço, que é todo o corpo que, em sangue, se vai redigindo (Foto/Poema 13). Termina este périplo fascinante, a um tempo existenciário e cosmológico, com a folhagem outonocendo *os ossos do tempo* (Foto/Poema 14).

FOTO 01

onde guardas as mãos de luz?



onde guardas as mãos de luz?
esse ofício imperfeito
dos amantes em silêncio.

regressam do esquecimento
todas as embarcações que julgavas terem partido.

deve haver música
em algum lugar dentro do corpo.

FOTO 12

vim colher palavras para o meu silêncio



em cada manhã que rasga o veludo do céu
pouca gente regressa
dos seus próprios desertos
com a mesma frescura dos nómadas.

de que lado da luz moras?
aqui, os cavalos bebem as sombras das nuvens.

regresso à humilde intimidade dos séculos.

vim colher palavras para o meu silêncio.

FOTO 11
ignora



ignora os passos de quem dança,
os vestidos fechados no armário,
as memórias do último céu azul.

ignora a dor dos nomes,
todas as palavras inúteis que juntaste
pensando no conforto do poema.

ignora tudo.
no final, sobrarão os passos
a pisar a memória do vento.

FOTO 02
remover o silêncio à luz



assim é o corpo.
um barco velho que se afunda nos anos.
um leve aceno, um poema
que resiste à sombra das palavras.

as ervas perfumam o canto dos pássaros no vale.
na margem, a água espera a manhã pura
para remover o silêncio à luz.

foi tão fria a noite em que nos afundámos.

FOTO 03

tira-me de mim



tudo é escuro dentro deste silêncio
a tua sombra,
a tristeza precoce das palavras,
a doença inventada no sonho.
dentro de mim,
o meu corpo corroído pela febre.

tudo é noite dentro desta cidade
inventada na memória.
sei que ao acordar regresso
ao silêncio do mundo.
não possuo nome nem idade
apenas o meu corpo de criança
a sussurrar o teu nome.

tira-me de mim.
tira-me de mim.

FOTO 10

que sonho pode ser resgatado para além das ruínas?



afastam-se os olhos
deste incêndio que lava o sangue.

que sonho pode ser resgatado para além das ruínas?
é sempre o mesmo caminho.

a eterna indiferença do mundo.

FOTO 08
água



FOTO 09
fogo



FOTO 04

ainda guardas todas as vozes
dentro do teu nome



ainda guardas todas as vozes dentro do teu nome,
todos os caminhos das buganvílias tingidas de vermelho.
se a tua linguagem fosse líquida,
um silêncio mais sólido que as palavras,
se nos tivéssemos encontrado num país
onde ninguém permanece
seria nossa esta voz, o sorriso de luz de uma criança
uma palavra livre, uma claridade renascida
os teus lábios ardendo,
uma romã aberta ao sol.

FOTO 05

desejando prender o seu olhar no olhar de deus



tudo será breve. o sorriso. o sono.
os passos percorrendo os corredores do frio.
as rosas murchas esquecidas na jarra.

tudo será breve. as lágrimas. este poema.
as estrelas que caem direitas no chão
vestindo-me de fogo.

tudo será breve. a vida. o silêncio.
a fé das mulheres que caminham para a missa
desejando prender o seu olhar no olhar de deus.

FOTO 06

ar



FOTO 07

terra

